

# O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo common	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigo	200 "

LISBOA

Quinta feira 2 de janeiro de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros.....	600 "
Numero avulso.....	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros...	15000 "

## RESUMO

O soldado portuguez, por Palermo de Faria.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—Atheneu Commercial: concurso de tiro.—Carreira de tiro.—Grande tiro da exposição nacional de Genebra em 1896.—O leão.—Tiro federal suizo.—Um «tavolazzo» no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto

## O SOLDADO PORTUGUEZ

VAE em breve regressar á mãe patria, dizimado pelas febres, victimado pelas azagaias e pelas balas, enfraquecido pelas marchas, esse punhado de soldados que sem hesitações e sem tibiezas foi aos sertões africanos afirmar os nossos direitos e sustentar o nosso dominio; vae em poucos dias brilhar para esses soldados, valentes e disciplinados, fortes e serenos, o sol da patria que os aqueceu no berço e os fez crescer para darem ao mundo inteiro mais um exemplo brilhante de que a tradição gloriosa de nossos paes existe vivida e robusta, adormecida apenas, para despertar intemerata, quando a honra da bandeira nacional a chama para demonstrar, que não degenerou a raça nem enfraqueceu o braço d'esses que foram os primeiros a conquistar o ignoto e a dominar os oceanos.

Hão de recebel-os os clamores alegres de todos os que lhe confiaram a missão de em climas inhospitos defender o decoro e o brio do nome portuguez; hão de saudal-os os vivos sinceros e entusiastas dos verdadeiros patriotas; hão de glorificar-os os soldados de todas as nações colonias que podem aprender nelles a ser ousados e destemidos, a ser firmes e valentes.

A campanha sul africana em que um simples punhado de portuguezes soube derrocar um imperio que não poucas vezes havia imposto a sua vontade a outros mais fortes do que nós, obrigando a uma retirada vergonhosa esse regulo dominador e feroz que governava no sertão como senhor absoluto e terrível, representa na historia de todos os tempos um facto extraordinario, que o futuro ha de consagrar como digno rival e émulo d'essas heroicas façanhas de outras eras que elevaram ao fastigio da gloria o nosso Portugal e deixaram memoria immorredoura de seus feitos e conquistas.

E, como para que bem alto se podesse levantar o nome do soldado portuguez, na mesma costa do grande continente, a França e a Italia lutavam com a raça negra, com maior numero de soldados e mais completo e aperfeçoado material de guerra, mas não com a mesma audacia, nem com os mesmos resultados.

O feito, que as nossas forças conseguiram realizar, é dos que assombra e por largo espaço ha de conservar-se na memoria o anno de 1895, que ha pouco

desappareceu na immensidade do passado, para citar-se aos vindouros como exemplo, como estimulo, como tropeo.

O soldado portuguez de hoje, obedecendo com serenidade na frente do inimigo á voz do commandante de companhia, destruindo por completo a theoria de que o fogo á voz só pôde fazer-se a dadas distancias, veio provar, o que aliaz era já de ha muito conhecido, que n'este velho paiz de marinheiros audazes e soldados aguerridos, a coragem é vulgar e a valentia um habito que nos legaram esses antepassados que venceram as tempestades e não vacillaram em ir mais além, desprezando as lendas do mar tenebroso, em navios que mal chegavam para conter tão grandes corações.

E foi bom que o seculo, que tinha comecado com essa campanha gloriosa que no Bussaco consagrava o recruta luzitano como o mais notavel dos soldados n'essa época de batalhas e de luctas, se não fosse perder na Historia sem que nas terras d'alem-mar, que nós conquistámos para a civilisação e para a humanidade, ainda o soldado d'esta Patria tão calumniada por estranhos, mas tão querida por todos nós, demonstrasse que sabia manter immaculado o pendão das quinas, que jurára defender, e pelo qual não hesitaria em deixar-se esquarterar.

Voltem, pois, soldados, benemeritos da Patria; e, quando passarem, descubram-se respeitosos os que não puderam acompanhal-os, curvem-se reverentes os que um só instante duvidaram de que saberiam cumprir o seu dever.

Palermo de Faria.

## ASSOCIAÇÃO

DOS

## ATRADORES CIVIS PORTUGUEZES

REUNIU no dia 28 de dezembro proximo passado a assembléa geral d'esta patriótica associação. As 9 horas da noite não estando presente o sr. presidente da assembléa geral que não pôde comparecer por motivo de serviço publico, nem o sr. 1.º secretario que está fóra de Lisboa n'este momento, o sr. Emydio Monteiro, 2.º secretario, pediu ao sr. dr. Queiroz Velloso que occupasse a presidencia, ao que a assembléa annuiu ficando a mesa composta pelos srs., dr. Queiroz Velloso, presidente, Emydio Monteiro, 1.º secretario e J. Fraga Pery de Linde, 2.º secretario.

Antes da ordem da noite usaram da palavra para explicações os srs. Brito e Figueiredo, respondendo-lhes o sr. presidente da direcção.

Entrando-se na ordem da noite foi lido o projecto da reforma de estatutos

e em seguida discutido e votado, soffrendo ligeiras alterações ou antes acclarações.

Os novos estatutos são quasi textualmente os antigos; apenas se introduziram alguns artigos indispensaveis para que não continuassem ao arbitrio da direcção a resolução d'alguns assumptos, creando-se o conselho fiscal que não existia, e que era indispensavel, e modificando-se a classificação dos socios que ficaram sendo: honorarios, fundadores, effectivos, extraordinarios e correspondentes.

Regulou-se tambem a epocha das assembléas geraes ordinarias que serão a primeira de 15 a 31 de dezembro de cada anno para eleição dos corpos gerentes, a segunda de 15 a 31 de janeiro para apresentação do relatorio e contas e parecer do conselho fiscal.

A assembléa geral da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes accetando os novos estatutos sem prolongar a sua discussão deu uma prova de que muito se interessava pelo andamento regular de todos os trabalhos d'esta aggremação que nos parece destinada, como todas as outras suas congeneres, a prestar á patria serviços relevantissimos.

Terminada a discussão e votação do projecto de estatutos, primeira parte da ordem da noite, entrou-se na segunda, eleição dos corpos gerentes, sendo eleitos por grande maioria:

### Assembléa geral

Presidente, o sr. José Martinho da Silva Guimarães; vice-presidente, o sr. Raul Mesnier de Ponsard; 1.º secretario o sr. Eduardo Rodrigues da Costa; 2.º secretario o sr. Antonio Joaquim Rodrigues; 1.º vice-secretario o sr. Jacintho Nunes Soares; 2.º vice-secretario o sr. João de Moraes Carvella.

### Direcção

Presidente, o sr. Palermo de Faria, 1.º secretario, o sr. Anselmo de Souza; 2.º secretario, sr. Claudio Castel-branco; vogaes, os srs. Prospero Meyrelles, Joaquim Fraga Pery de Linde e Joaquim de Sousa Padesca; thesoureiro, o sr. João Consiglieri Pedroso. *Supplentes*, os srs. Gil Vasques Portocarrero, Julio Violante e José Antunes Pinto.

### Conselho fiscal

Presidente, o sr. Luiz Wasa Cesar de Andrade; vogaes, os srs. Lucas Fernandes da Silva e Manuel José de Magalhães. *Supplentes*, os srs. João Fernandes Torres e Ignacio de Magalhães Basto.

Antes de se encerrar a sessão foi apresentada uma proposta pelo sr. Lucas da Silva, com respeito ao mestre d'armas da Associação e seu ajudante que foi toma-

da na devida consideração, ficando a direcção actorizada a executar a logo que lhe fosse possível fazel-o.

Em nome da direcção foi apresentada pelo sr. Palermo de Faria, uma proposta para serem proclamados socios honorarios os srs., dr. Antonio Maria da Cunha Belem e Eduardo de Noronha, presidentes da assembléa geral e da direcção da *Associação dos Atiradores Civis Estrella*, Bento Carqueja e Albino Lacerda Pinto e Souza presidentes da assembléa geral e da direcção da *Associação dos Atiradores Civis Portuenses* e o sr. Frederico Dours Chauti. Foi approvada esta proposta.

Ainda em nome da direcção foi apresentada uma proposta para que fosse dado o nome *Premio Anselmo de Sousa*, ao premio pecuniario da Associação nos concursos commemorativos da sua fundação. Esta proposta foi da iniciativa do sr. Claudio Castel-branco; apresentada em sessão de direcção foi unanimemente votada e o mesmo succedeu na assembléa geral. É justa e merecida homenagem ao fundador da primeira associação de atiradores civis que se organisou em Portugal e demonstração de quanto é apreciada a dedicação com que o sr. Anselmo de Sousa trata de todos os assumptos que possam desenvolver o tiro nacional.

\*\*

No dia 31 de dezembro ás 8 1/2 horas da noite, foi dada posse aos novos corpos gerentes da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, como os estatutos determinam.

\*\*

Logo que os estatutos tenham sido approvados pela auctoridade respectiva dar-lhe-hemos publicidade na integra, como fizemos aos primeiros.

## ATHENEU COMMERCIAL

### Concurso de tiro

Não podia ter sido mais brilhante o concurso de tiro reduzido que o Atheneu Commercial de Lisboa realizou entre os seus associados no domingo ultimo, e sinceramente felicitamos esta sociedade pela boa festa que nos proporcionou.

Proximo das 2 horas reuniu o jury, que era composto pelos srs. José Bastos, presidente do Atheneu que substituiu o sr. Palermo de Faria que não pôde comparecer; capitão Rollo, de caçadores n.º 5; e alferes José Pires, de caçadores n.º 2, mestre d'armas da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, afim de resolver se uma espingarda *Stevens* apresentada por um dos concorrentes estava nas condições do concurso, e para classificar os premios. Sobre a espingarda resolveu não ser admitida por não ser de nenhum dos systems incluídos no programma do concurso, e sobre os premios classificou-os pela seguinte ordem.

1.º premio. — Uma pasta para papel em chagrin com um laço azul e branco e monogramma de prata (A. C.) offerecido por um grupo de socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*.

2.º premio. — Um tinteiro de aluminio, phantasia, offerecido pelo *Atheneu Commercial*.

3.º premio. — Um dictionario ethymologico portuguez, offerecido pelo sr. Gustavo José de Jesus, socio do Atheneu.

4.º premio. — Uma meza para fumador, offerecido pelo sr. Manuel Joaquim Pereira, socio do Atheneu.

Às 2 horas da tarde começou o concurso de tiro com uma grande assistencia de associados tanto do Atheneu como d'outras aggremações, sobresahindo os socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, os quaes ostentavam na lapella dos casacos os seus distinctivos.

O numero de atiradores inscriptos foi de 31, fazendo alguns tiros muito bons o que despertou grande entusiasmo.

Os atiradores premiados foram em primeiro logar o sr. Julio Mourão que fez 44 pontos; e a seguir o sr. Luiz Quaresma Val do Rio Junior, Francisco Florindo, Mario Augusto Tavares e Manuel Soares Coelho, os quaes fizeram todos 40 pontos tendo de desempatar, o que se fez com séries de 5 tiros. Ao desempate faltou o sr. Luiz Quaresma Val do Rio Junior.

A primeira série de cinco tiros empataram novamente os srs. Francisco Florindo, e Mario Augusto Tavares, ficando então classificados os atiradores por esta fórma:

- 1.º — Julio Mourão.
- 2.º — Mario Augusto Tavares.
- 3.º — Francisco Florindo.
- 4.º — Manuel Soares Coelho.

Em seguida todos os socios presentes se dirigiram a sala das sessões do Atheneu e tendo sido dada a presidencia ao sr. capitão Rollo pelo sr. José Bastos presidente da assembléa geral, procedeu-se á distribuição dos premios, tendo antes feito um pequeno discurso allusivo o sr. José Bastos.

Finda a cerimonia o sr. capitão Rollo tambem proferiu um discurso desejando ao Atheneu as maiores prosperidades.

A convite do sr. José Bastos dirigiram-se para a sala da direcção os officiaes que tinham feito parte do jury bem como os socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, sendo-lhes offerecido um delicado copo d'agua, levantando-se calorosos brindes á Patria, Atheneu, Exercito e Armada, *Atiradores Civis Portuguezes*, etc.; emfim foi uma festa que muito boas impressões deixou no animo dos que a ella assistiram.

## CARREIRA DE TIRO

No domingo, 29 de dezembro, dispararam-se 1.120 tiros com a arma de guerra.

Os alvos estavam dispostos da seguinte fórma: N.º 1 e 2, normal, a 100m; n.º 3, 4, 5 e 6, alvo quadrado, de 1,80, a 300m; n.º 7 e 8, *Gungunhana*, figura de joelhos, a 200m;

Fez-se uma poule com séries de 5 tiros, que deu o seguinte resultado:

Joaquim Freitas .....	5
J. Consiglieri Pedroso .....	4
J. Moraes Carvella .....	4
Ivens Ferraz .....	3
Heitor Ferreira .....	3
Gil Portocarrero .....	2
R. Rogenmozer .....	2
M. Antunes Barata .....	1

Ganhou o sr. Freitas, um habil atirador, que empregou as 5 balas.

O sr. Antonio Corrêa Pinheiro, no alvo a 300m, em 30 tiros acertou 27, e no alvo *Gungunhana*, em 10 tiros disparados, 7 acertados. Este distincto atirador fez os seus tiros sempre de pé, tornando-se notavel a sua firmeza.

O sr. Antonio Severo Pereira da Costa, no alvo a 300m, fez uma série completa de 10 tiros com a sua espingarda *Maunlicher*, e no alvo *Gungunhana* 6 empregados em 10 tiros, com a mesma

arma. O sr. Costa, que é um atirador de elite, fez os seus tiros sempre de pé, tendo uma posição muito firme e correcta.

O sr. João C. Pedroso, no alvo *Gungunhana*, acertou 11 em 20 tiros.

O sr. Manuel Joaquim Botica, no alvo a 300m, em 10 tiros, 8 acertados.

O sr. Portocarrero, no alvo *Gungunhana*, 8 em 10 disparados.

O sr. Mendes Gouvêa no mesmo alvo, 7 em 10.

O sr. Moraes Carvella, no mesmo alvo, 6 em 10, e no alvo a 300m, uma série completa de 40 tiros.

O sr. Ivens Ferraz, no alvo *Gungunhana*, 25 acertados em 40 disparados e no alvo a 300m, uma série completa de 10 tiros.

O sr. João Afonso Vianna Junior, no alvo a 300m, 9 acertados em 10 disparados.

Todos estes atiradores pertencem á *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*.

O sr. Gonçalo Heitor Ferreira, no alvo *Gungunhana*, empregou 9 balas n'uma série de 10 tiros. Este atirador pertence ao *Grupo Patria* e é um dos mais distinctos frequentadores da *Carreira*.

Os tres grupos da *Associação dos Atiradores Civis Estrella* fizeram a poule annunciada com o seguinte magnifico resultado, no alvo quadrado a 300m, série de 5 tiros:

1.º grupo — 36 acertados em 40.
2.º » — 26 » » »
3.º » — 22 » » »

Estes brilhantes resultados são a justa compensação dos esforços que a digna direcção tem ultimamente empregado na instrucção de tiro dos seus associados.

No 1.º grupo, de que é chefe o sr. Eduardo Rodrigues, este e os srs. Thomaz Coelho, Arcadio de Menezes e Carlos Reis, empregaram os 5 tiros.

No 2.º grupo, o sr. Gil Dias empregou os 5 tiros, e os srs. Eduardo Noronha, Barata Salgueiro e Rebordão, empregaram 4.

No 3.º grupo, o sr. João Diniz empregou os 5 tiros, e os srs. Elmino Moreira, Manuel Nunes Ferreira e Firmino Barata, 4 tiros.

Além d'estes os srs. Guilherme Carlos Henriques e H. Rachofeni no alvo a 300m, o primeiro empregou duas séries completas e o segundo uma.

O total de tiros disparados pelos socios foi de 430 obtendo a percentagem de 88 9/10; a polvora para a poule foi fornecida pela associação. Estiveram presentes os srs. dr. Cunha Belem providente da assembléa geral e o mestre d'armas da associação tenente Cruz.

A noite na associação os vencidos offereceram aos vencedores, e socios presentes, uma taça de champagne.

Trocaram-se brindes entusiasticos a Cunha Belem, a Eduardo de Noronha, ao grupo vencedor de que é chefe Eduardo Rodrigues, aos vencidos, á *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, á do *Porto*, a Pimentel Pinto, ao *Grupo Patria*, a Vergueiro, imprensa—vivas á patria e ao exercito.

A festa terminou á 1 hora da noite. As nossas felicitações á patriótica associação.

\*\*

No dia 1 d'este mez, dispararam-se 540 tiros, com a arma de guerra.

A disposição dos alvos era a mesma que na sessão passada.

Os socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* fizeram 330 tiros, distinguindo-se os srs. Antonio Severo Pereira da Costa, no alvo *Gungunhana*, 17 tiros acertados em 30, e no alvo a 300m, 19 acertados em 20; os tiros foram todos feitos de pé.

O sr. Antonio Corrêa Pinheiro no alvo *Gungunhana*, 8 acertados em 20, no alvo a 300m, 23 acertados em 30 com duas *mouches*, tiro de pé.

O sr. Ivens Ferraz no alvo *Gungunhana*, 15 acertados em 20, tiro de joelhos; no alvo a 300m, 20 acertados em 20, tiro de joelhos e 26 acertados em 30, tiro de pé.

O sr. M. Joaquim Botica, alvo a 300m, 9 acertados em 10.

O sr. José Mendes de Gouvêa, no alvo *Gungunhana*, 7 acertados em 10.

O sr. João Consiglieri Pedroso, no mesmo alvo, 17 acertados em 20.

O sr. João de Moraes Carvella, no mesmo alvo 5 acertados em 10; no alvo a 300m, 18 acertados em 20.

O sr. Antonio Joaquim Rodrigues no alvo a 300m, 22 acertados em 30.

O sr. Theodosio Baganha, no mesmo alvo, 15 acertados em 30.

O sr. Heitor Ferreira, do *Grupo Patria*, no alvo a 300m, uma série completa de 10 tiros com duas *mouches*.

\*\*

No dia 6, dia de Reis, não ha *Carreira* de tiro.

## GRANDE TIRO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL

GENEVBRA — 1896

COM este titulo publica a *Gazette des Carabiniers Suisses*, de 28 de dezembro proximo passado, um artigo de que damos os trechos principaes.

«Alguns mezes nos separam apenas da grande manifestação que preparam em Genebra para o corrente anno de 1896, todos aquellos que pensam, todos aquellos que trabalham, creando um aperfeiçoamento nos differentes dominios da actividade intellectual ou material do nosso pequeno paiz.

«Tudo nos leva a crêr que a segunda exposição nacional suissa terá tanto exito sob todos os pontos de vista, como a sua antecessora de 1883, sem querer tirar nada ao merito d'esta ultima.

«Não entra no programma d'este jornal fallar com pormenores dos grandiosos preparativos que, ha mais d'um anno, occupam ou preoccupam toda a população de Genebra e quasi toda a população suissa.

«Os periodicos diarios de todos os pontos da Confederação suissa informam correntemente os seus leitores d'esses preparativos, descrevendo-lhes todos os esplendores das construcções á proporção que se fazem, e innumerarão, logo que esses edificios estiverem finalmente abertos á curiosidade do publico, todas as riquezas que contém, a somma de esforços representados pelos productos expostos.

«Nós não duvidamos, pela nossa parte, que a população suissa queira recompensar os esforços dos organisadores, assim como os dos expositores, indo em massa a Genebra, no anno de 1896, para visitar a exposição nacional, não só com o simples fim da curiosidade, mas tambem com esse espirito de solidariedade, que nunca falta nas manifestações da nossa vida nacional.

E' com este sentimento que as sociedades de tiro do cantão de Genebra quiseram dar tambem a sua modesta pedra para o edificio. Pareceu-lhes que organisando um grande tiro por occasião da exposição nacional decidiriam muitos habitantes a fazer a viagem até Genebra dando a esta duplo fim.

As difficuldades da vencer eram grandes porem, uma boa parte da população, occupada nos preparativos especies da exposição, faltava para a formação das commissões necessarias para levar a bom termo a organização do tiro; isto obrigou desde o principio a deixar de parte tudo quanto fosse feito para se consagrarem ao tiro propriamente dito. Um dos factores que mais poderosamente contribuíram para vencer os escrúpulos dos habitantes é o facto de não haver despesas de construcções, visto que a nova carreira de tiro de S.<sup>1</sup> Georges, inaugurada recentemente pelos *Exercices de l'Arquebuse et de la Navigation*, tinha um campo de tiro sufficientemente vasto com os seus 30 alvos a 300 metros e 10 a 400 para a espingarda e carabina e 5 alvos a 50 metros para revolver.

Foi depois d'um periodo de incubação bastante longo que o tiro da exposição nacional suissa foi decidido; apresamos-nos em dizer que se houve algum hesitação, e ao principio algumas pessoas competentes conservaram certas duvidas sobre a possibilidade de organizar este tiro, todos tinham a certeza do exito. E' com grande satisfação e com

inteira confiança que annunciamos aos nossos leitores que o *Grande tiro da exposição nacional*, Genebra 1896 se realisará no stand de S.<sup>1</sup> Georges em 45 alvos, de sabbado 7 a segunda feira 17 d'agosto; a distribuição dos premios será na terça feira 17 ás 10 horas da manhã.

O concurso de tiro faz-se-ha sob o patrocínio da *Federação cantonal genebrense das sociedades de tiro*. O presidente de honra é o sr. Moizez Vantier, ex-presidente do tiro federal de 1887.

A presidencia effectiva foi confiada ao sr. Francisco Meylan que tem já dado as suas provas em materia de tiro.

Não temos necessidade de recomendar este concurso aos nossos leitores e assignantes; temos a certeza que cada um d'elles comprehenderá a importancia d'este tiro que se não chama federal ou cantonal não será menos uma importante manifestação d'um ramo que ou em nossa actividade nacional tem desempenhado sempre papel importante porque não podemos, em vista da nossa organização militar, separar-o da propria idéa da patria.

O concurso de tiro em Genebra em agosto de 1896, não será tiro federal nem cantonal, mas será *tiro nacional*, contamos com todos os atiradores e sociedades de tiro.

## O LEÃO

SE attendermos á impressão causada pelo seu aspecto, devemos confessar que o leão não usurpou o titulo de *rei dos animaes* que lhe foi dado desde os tempos mais remotos. Tem a cabeça levantada e anda com lentidão que pode considerar-se gravidade; a physionomia serena e digna, mostra que tem a consciencia da sua força. A espessa e magnifica juba que lhe cobre a cabeça e o pescoço, augmenta ainda este notavel conjunto com um certo ar de grandeza que impõe o respeito.

Alguns leões adultos chegam a atingir tres metros de comprimento, desde o focinho até ao começo da cauda; a femea distingue-se pela falta de juba, pela cabeça mais pequena e é um quarto menor em grandeza do que o macho.

Buflon, o celebre naturalista, fez do leão um retrato magnifico, que é um dos bellos trechos da litteratura franceza. Concede-lhe coragem, magnanimidade, generosidade, nobreza de caracter, reconhecimento pelos beneficios, sensibilidade e outras qualidades moraes.

Desgraçadamente todos estes epithetos desaparecem perante a observação e realidade.

Digamos antes de ir mais longe que a estatura, caracter e costumes dos leões differem muito segundo as variedades e logares que habitam. Esta observação basta para explicar as numerosas contradicções que tem até hoje obscurecido a historia do leão, considerado como typo unico. Comtudo essas contradicções são apenas apparentes, porque se fundam na confusão das variedades da especie leonina, e caem por si mesmo quando deixamos de confundir as variedades.

Ha no entanto caracteres communs a todos os leões do mundo; são aquellos que constituem a physionomia da especie.

Em geral, o leão não sae durante o dia, não porque tenha os olhos impróprios para a visão diurna, mas a pregui-

ça e a prudencia o retém no seu antro até ao anoitecer.

A's primeiras sombras do crepusculo, entra em campanha. Se conhece depositado ou corrente d'agua na visinhança, vae emboscar-se nas margens, com a esperanza de fazer uma victima entre os antilopes, gazellas, girafas, zebras, buffalos, etc., que a sêde alli condnz.

Nem sempre consegue apanhal-os, porque estes herbivoros, conhecendo o perigo, não avançam senão cautellosamente.

Quando um d'estes ruminantes se collocou ao alcance do terrivel carnivoro, desgraçado d'elle. Um enorme salto basta ao leão para o attingir, um só patada lhe quebra a espinha dorsal. Se erra o golpe, não tenta uma perseguição inutil; sabe que não pode lutar em velocidade com os rapidos filhos das planicies. Volta para o esconderijo até que se apresente occasião mais feliz ou que a noite avançada tenha affastado qualquer presa.

O leão, porem, não gosta de estar muito tempo com o estomago vasio. E' n'estes casos que se approxima das habitações para surprehender alli algum animal domestico. Vedações com tres metros de altura não são obstaculos para elle. Depois de as ter transposto com toda a facilidade, vae ao meio do gado alli reunido, e agarra um boi, um cavallo, um camello e na falta d'estes uma cabra, ou carneiro.

O vigor de que dá provas n'estes casos é verdadeiramente extraordinario. Viu-se no Cabo de Boa Esperança, um leão levar um bezerro tão facilmente como um gato leva um rato, e saltar, com o seu fardo, um largo fosso que havia no caminho. Em taes circumstancias não devora nunca a presa onde a agarrou. Calcule-se, se é possivel, a força necessaria para saltar um muro de tres metros de altura com a carga de muitas centenas de kilogrammas.

A audacia do leão cresce com as suas necessidades. Quando tem esgotado sem resultado todos os meios facéis de obter a subsistencia, quando não pôde contemporisar com a fome, não tem hesitação alguma em aggreir e arrosta todos os perigos, para não morrer de inanición.

Vem em pleno dia junto das manadas de bois, dos rebanhos de carneiros e não hesita em precipitar-se sobre um d'estes animaes com o qual foge rapidamente. Leva a temeridade a ponto de atacar manadas de buffalos, o que é tanto mais audacioso, quanto é certo que um só buffalo, quando não é surprehendido por traz, é capaz de vencelo-o.

Uma feição que parece pertencer só ao leão da Africa austral é reunir-se em bandos para caçar os animaes que não venceria isoladamente. Delargue conta que se vê frequentemente durante o dia, no inverno, os leões reunir-se, em numero de vinte ou trinta, para dirigir a caça para as passagens difficeis, onde estão postados alguns dos seus.

São, diz elle, batidas feitas em regra, mas sem ruido; as emanções dos leões bastam para forçar a partida dos herbivoros a que chegam. O rhinocerante é muitas vezes perseguido d'este modo pelos leões.

Tem-se feito muitas vezes uma observação importante: é que o leão esfaimado ou irritado bate os flancos com a cauda e saccode a juba. Quando algum se vê inopinadamente na presença d'um leão, basta examinar-lhe a cauda para lhe conhecer as intenções e consequentemente tomar tal ou tal medida.

Se a cauda não se meche, pode passar-se sem receio ao lado do animal, não ataca e basta atirar-lhe uma pedra para se affastar. No caso contrario, deve procurar-se rapidamente um abrigo e se o homem não está no caso de tentar a lucta e se está armado, é preparar para defender energicamente a vida.

O leão não ataca nenhuma creatura viva não tendo precisão de comer e d'este facto e de não fazer senão uma victima, resultou chamarem-lhe magnanimo. Equivale a dizer que é sobrio um homem que está farto.

Nenhum animal mata pelo prazer de matar. Se alguns carnivoros parecem contradizer esta lei, é porque a isso o determinam motivos que escapam á nossa apreciação, mas que mais tarde serão conhecidos quando o estudo da natureza estiver mais avançado.

O leão sabe tudo quando tem que recear do homem; trata-o, pois com respeito e não ousa ataca-lo senão na ultima extremidade, não se dando o caso de ser seriamente provocado, e ainda n'esta ultima circumstancia affasta-se algumas vezes do homem que o feriu.

(Continúa.)

## TIRO FEDERAL SUISSO

Em ROSARIO (Republica Argentina)

(Concluido do n.º 43)

No balcão da casa do vice-consul suíço, sr. Chiesa na Calle San Lorenzo, esperava o sr. Rodé, ministro suíço, com os mais convidados, entre os quaes se viam o governador da provincia e o sr. Alcacer, ministro argentino.

Ainda outra vez se agitaram as bandeiras para fazer as saudações do estilo.

As tres bandas de musica tocaram o hymno nacional argentino, que todo o povo ouviu com a cabeça descoberta. O hymno suíço foi acompanhado com o canto, em côro, de toda a gente. Os convidados fizeram signaes de agradecimento; a multidão jubilosa acclamava entusiasticamente a livre Suíça e os seus nobres filhos.

Na praça Lopez e por todo o caminho até ao local da festa, os atiradores suíços eram saudados com as mesmas ovações e toda a gente manifestava a sua alegria n'esta sympathica festa.

Falaram mais os srs. Rodé, ministro enviado da Suíça, e o governador da provincia de Santa Fé; o representante da *Sociedade dos Atiradores Italianos* no Rosario entregou á *Sociedade dos Atiradores Suíços* uma medalha. Cheio de entusiasmo escreve o *reporter*: «Pôde-se ter a certeza de que na Republica Argentina nunca houve uma festa tão estrondosa como esta.»

Na mãe patria, nas festas de tiro, é talvez maior o numero de atiradores, o entusiasmo não. Esta tempestade de sentimentos deixou no coração de tantos suíços uma indelevel recordação. O amor pela patria affirmou-se abertamente e nas acções d'este dia o fogo d'este amor pela patria incendiou todos os corações suíços em paiz tão distante! Este dia acabou por uma grande festa nacional para a colonia suíça na Republica Argentina. A manifestação principal d'este dia foi o banquete do meio dia. No banquete de tarde o dr. Eckerlin fez um discurso em dialecto suíço; o final d'este discurso em hespanhol foi amavelmente dedicado aos argentinos, os

quaes agradeceram com um viva á Suíça. O entusiasmo chegou ao auge: era um acto de ligação fraternal entre duas nações livres, que sómente se distinguem na raça, costumes e lingua, mas tem um pensamento commum, que é o amor da patria, que offerece a todos os mesmos direitos e liberdades.

Os gymnastas e cantores do Rosario que souberam merecer, durante estes 8 dias, todo o respeito e favores do publico, tiveram egualmente enormes applausos pela maneira brilhante porque se houveram.

Foi proclamado mestre dos atiradores o sr. Alexandre Maspoli, do cantão Tessin, morador em Rosario.

## UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

### Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 43)

O meu cão conservar-se ha atraz de mim, e é capaz de ir de rastos se eu lhe der o exemplo.

— D'accordo; mas é branco.

— Tanto melhor será menos visivel sobre a neve.

— Lá em cima não a ha, excellentissimo.

— Oh! diabo!

— Occorre-me uma ideia, continuou vivamente o velho caçador, como se fosse tocado d'uma inspiração subita, o que effectivamente era verdadeiro.

— Qual é a tua ideia, velho bruxo; perguntou o marquez.

— Atrélarei o *braque* de sua excellencia ao meu *épagneul*, e ir-se-hão juntos.

— O meu cão não comprehenderá o que isso quer dizer, resistirá, desconfiará, e depois nada poderemos fazer.

— Torquato lhe explicará o negocio, senhor marquez, e quando tiverem conversado um momento talvez se entendam perfectamente.

— Solimão não sabe piemontez, disse eu rindo-me porque não encarava a cousa senão como brincadeira.

— Mas Torquato sabe francez, excellentissimo, respondeu o velho caçador com a maior seriedade. Sem isso como poderia elle entender-se com os contra-bandistas?

— Podemos experimentar sempre, juntou o marquez. Se não der resultado daremos a liberdade ao teu cão antes d'elle ter tempo de desconfiar.

— Seja assim, disse eu, e chamei Solimão que se desalterava a alguns passos de mim.

Veio, e Titano tirou ainda da sua bolsa, que continha tantas cousas como o chapeo milagroso de M. Robert Mondou, uma trela de pelle de porco, e n'um abrir e fechar d'olhos atou os dois cães um ao outro.

Solimão olhou para mim com ar de profundamente admirado; mas com grande surpresa minha, não fez resistencia alguma, é verdade que ainda estavam no prologo da peça.

Titano deixou passar alguns segundos sem fazer gesto algum, sem pronunciar palavra, depois fez signal com a mão, e disse duas ou tres palavras em *patois*.

Torquato olhou para Solimão, e pela minha honra, o seu olhar significava por fórma a não deixar duvida:

«Meu caro amigo, quando quizer estou inteiramente ás suas ordens.»

Solimão consultou-me a seu turno com o olhar.

— Marcha! disse-lhe eu.

Partiram ambos com profunda estupefacção minha.

Segui-os com a vista durante alguns instantes, convencido, que não seria de longa duração a intelligencia d'aquelles dois animaes; e acontecimento não justificou o meu receio; sempre gallopando, Solimão voltou uma ou duas vezes a cabeça para o meu lado; mas foi tudo.

Titano occupou-se então da sua escada, e nós tratámos de calçar os patins.

Em menos de vinte minutos estava tudo prompto, e este tempo de repouso tinha sido sufficiente para eu descançar.

Titano amarrou uma longa corda em torno dos rins, depois disse-me para o imitar, sendo a extremidade da corda atada á cintura do marquez.

Formavamos assim uma especie de cadeia de que Titano era o cabeça, eu o centro e o marquez a cauda.

Começou então a ascensão. Foi mais temivel que trabalhosa. Duas vezes os meus pés mal seguros desceram de baixo de mim; mas Titano firme como uma rocha me poz de pé. O marquez tambem escorregou uma vez, e fez-me vacilar, Titano aguentou-nos a ambos.

Attingimos assim o cume do monte de neve em alguns minutos, e achamos-nos sobre um pequeno planalto coberto de relva e matto espesso.

— Agora silencio, disse Titano em voz baixa, enquanto nos desembaraçavamos da corda e dos patins. Vou á descoberta.

Deitou-se de bruços, e vimol-o desaparecer entre os montes, sem fazer mais barulho do que uma serpente por entre as hervas.

No fim d'um quarto d'hora voltou, e quatro dedos que levantou ao ar com um olhar triumphante nos annunciavam que tinha visto quatro camurças a alcance.

Deitamos-nos então como elle, arrastando-nos com a ajuda da mão esquerda, e levando as espingardas na direita. É inutil dizer que Titano nos precedia, eu seguia-o immediatamente.

Porém, levantou-se sobre os joelhos, desviou alguns ramos, depois fez-me signal para olhar.

Estavamos sobre a borda do planalto, e a duzentos passos proxivamente por baixo de nós abria-se um pequeno valle no fundo do qual pastavam socegradamente quatro camurças.

Uma quinta, de pé sobre a ponta d'um rochedo situado muito mais longe parecia estar de sentinella.

Foi a primeira que vi porque se destacava sobre o azul do ceu, enquanto as companheiras se confundiam um pouco com a verdura sombria do valle, a esse tempo já um pouco invadido pela cerração da noite.

— Encoste a espingarda á minha espada, disse-me Titano ao ouvido, e mande uma bala aquelle maroto velho que vai na frente dos outros tres.

«Tenho-lhe zanga porque já o errei duas vezes. Conheço-o porque uma das minhas balas quebrou-lhe o chavelho esquerdo. Despache-se! continuou com vivacidade mas sempre baixo. A sentinella aventou-nos, antes de tres segundos berra e então, boas noites, a caçada.»

Eu tinha apontado, fiz fogo.

(Continúa.)